

# Comentário Exegético de Naum 1–3 (KJA)

Visão Profética de Naum — Do Julgamento à Redenção. Uma análise acadêmica versículo a versículo do livro do profeta Naum, à luz da exegese histórico-gramatical e das fontes patrísticas.

[Iniciar Estudo](#)

[Referências](#)

# Introdução ao Livro de Naum

## Contexto do Profeta

O profeta **Naum**, "**o elcosita**", exerceu seu ministério por volta de **663 a.C.**, período que o torna contemporâneo de Isaías nos capítulos 38–39. Seu nome hebraico — *Nachum* — significa "consolação" ou "conforto", uma ironia profunda, visto que sua mensagem central é de juízo severo sobre Nínive. A localização de Elcós permanece debatida entre estudiosos, com propostas que vão desde a Galileia até o sul de Judá.

## Contexto Histórico

A profecia de Naum se situa após a **queda de Tebas** (663 a.C.) e antes da **queda de Nínive** (612 a.C.), cumprindo o que Jonas havia anunciado 150 anos antes. A Assíria, sob Senaqueribe e seus sucessores, ameaçava continuamente o reino de Judá, conforme narrado em **2 Reis 18–19**. Naum oferece não apenas um oráculo de condenação, mas também uma palavra de alívio ao povo judeu, oprimido pela brutalidade assíria por gerações.

- ❏ O livro de Naum é o único da literatura profética inteiramente dedicado ao oráculo contra uma única nação estrangeira — Nínive.

# Naum 1:1–2 — A Ira Divina Anunciada

O livro abre com uma declaração solene sobre o caráter de Deus, estabelecendo a base teológica para todo o oráculo subsequente. A repetição do nome divino — **Yahweh** — não é acidental, mas literariamente intencional.

## Fausset (1866)

O comentarista clássico destaca que a repetição de "Yahweh" nos versículos iniciais cria uma **"atmosfera de seriedade impressionante"**, sublinhando que o julgamento não vem de um capricho humano, mas da santidade eterna de Deus. O nome divino funciona como âncora teológica de todo o livro.

## Eco de Deuteronômio 32:35

A afirmação *"O SENHOR é Deus zeloso e vingador"* ressoa diretamente com Deuteronômio 32:35: *"A mim pertence a vingança e a retribuição"*. A ira de Deus não é emotiva nem arbitrária — ela é a resposta justa e inevitável à rebeldia persistente e à crueldade de Nínive.

"O SENHOR é Deus zeloso e vingador; o SENHOR é vingador e cheio de furor; o SENHOR toma vingança dos seus adversários." — **Naum 1:2 (KJA)**

O versículo cria uma tensão narrativa deliberada: a ira de Deus está **"preparada"** e não pode ser evitada por Nínive. O triplo uso do verbo "vingador" (*noqem*) é uma figura retórica hebraica chamada *anadiplosia*, que intensifica progressivamente a seriedade do anúncio.

# Naum 1:3–5 — O Poder Sobre a Criação



## Longanimidade e Poder

"O SENHOR é tardio para se irar, porém grande em poder" — essa tensão teológica espelha **Êxodo 34:6–7**, onde Deus se revela simultaneamente misericordioso e justo. A paciência divina não é fraqueza; é a contenção voluntária de um poder absoluto, que aguarda o momento próprio do juízo. Nínive teve séculos para se arrepender.



## Teofania da Tempestade

As imagens de tempestade — "*caminha entre a tempestade e o turbilhão*" — pertencem ao gênero literário da **teofania cósmica**, comum nos salmos e nos profetas. As nuvens descritas como "*pó de seus pés*" comunicam a majestade imensurável de Deus frente à qual os poderes terrestres são absolutamente insignificantes.



## Metáfora de Jeremias 51:25

A conexão com **Jeremias 51:25** — onde Deus declara guerra ao "monte destruidor" — reforça que a fúria divina opera como um vento devastador sobre os impérios arrogantes. A linguagem de Naum amplifica o que Jeremias diria posteriormente: nenhum poder político resiste à soberania de Yahweh.

# Naum 1:6–7 — O Refúgio dos Justos

"O SENHOR é bom, fortaleza no dia da angústia; e conhece os que nele confiam." — **Naum 1:7 (KJA)**

Este versículo representa o coração pastoral do livro. Em meio a um oráculo de juízo devastador, o profeta intercala uma promessa luminosa de proteção para os fiéis. A contraste é teologicamente proposital.

## Análise Exegética

A expressão hebraica *maoz beyom tsarah* — "fortaleza no dia da angústia" — é um termo técnico militar adaptado para linguagem espiritual. Deus não é apenas um aliado eventual, mas uma **fortaleza permanente**, disponível no momento exato da maior necessidade. A construção verbal indica continuidade: Deus *continua sendo* refúgio.

A conexão com **Salmo 46:1** — "*Deus é o nosso refúgio e força, socorro bem presente nas tribulações*" — demonstra que Naum está inserido numa tradição litúrgica israelita de confiança em Yahweh como protetor soberano. A aplicação prática para o povo de Judá, aterrorizado pela Assíria, era imediata e concreta.

- ❏ O v. 7 funciona como o "olho do furacão" do livro — um momento de paz teológica no centro de um oráculo de tempestade.

# Naum 1:8–9 — A Destruição dos Inimigos

Os versículos finais do primeiro capítulo descrevem a execução concreta do juízo divino, utilizando imagens naturais e geográficas de grande impacto visual.

## Paralelo com o Novo Testamento

*"Ele repreende o mar, e o faz secar"* — este domínio sobre as águas caóticas encontra eco direto em **Mateus 8:26**, quando Jesus acalma a tempestade. A linguagem de Naum, ao descrever Deus controlando os elementos naturais, prefigura a autoridade plena de Cristo sobre a criação, demonstrando continuidade teológica entre os Testamentos.

## Geografias do Juízo

Basã, Carmelo e Líbano eram conhecidas no mundo antigo como regiões de exuberância e prosperidade incomparáveis. Ao afirmar que mesmo essas terras "definham" diante de Yahweh, Naum comunica que o juízo divino não respeita nem a riqueza natural nem a reputação política das nações. Nenhuma terra fértil escapa ao poder de Deus.

## Simbologia dos Rios Secos

Rios secos no contexto mesopotâmico simbolizavam o colapso civilizacional total. A Assíria dependia dos rios Tigre e Eufrates para sua agricultura, comércio e sobrevivência urbana. A imagem de rios secos representava, portanto, a retirada completa da **prosperidade e sustento assírios** — uma sentença de morte econômica, cultural e espiritual.

# Naum 2:1–4 — O Orgulho de Nínive Desmascarado

## Análise Literária e Teológica

O capítulo 2 inaugura com uma ironia dramática: Naum convoca Nínive a se preparar para a guerra — mas a preparação é inútil. A descrição da *"casa de pedra que cai"* (cf. **Jeremias 51:37**) ecoa a imagem da inexpugnável capital assíria sendo reduzida a escombros. A grandiosidade arquitetônica de Nínive — celebrada em seus próprios registros — torna-se símbolo de sua queda mais humilhante.

A referência à arrogância assíria confrontada em **Ezequias 36:22–23** é hermeneuticamente significativa: o mesmo orgulho que levou Senaqueribe a blasfemar contra Yahweh é agora retribuído com destruição total. A soberania divina não apenas responde à impiedade — ela a reverte completamente.

## Evidência Arqueológica

Inscrições assírias recuperadas em escavações do século XIX e XX revelam que os habitantes de Nínive a chamavam de *"a cidade eterna"* e *"a cidade invencível"*. Essa autoproclamação de invencibilidade, amplamente documentada em relevos e tabletas cuneiformes anteriores a 612 a.C., confirma que a arrogância descrita por Naum não era retórica profética — era um fato histórico e cultural da cosmovisão assíria.

ARQUEOLOGIA BÍBLICA

# Naum 2:5–8 — O Cerco Iminente

## → Carros de Fogo

"Os carros de guerra avançam como fogo" — a analogia com **Isaías 30:31** conecta a campanha militar contra Nínive ao poder soberano de Yahweh sobre os exércitos da história. O fogo não é apenas destrutivo; é teofânico — presença divina em ação no teatro da guerra.

## → Escudos Quebrados

"Os escudos são quebrados" — em contraste com a imagem do Senhor como "escudo" dos fiéis (cf. Salmo 28:7), os protetores militares assírios falham completamente. A vulnerabilidade militar da superpotência da antiguidade torna-se visível diante do juízo divino.

## → Portões Abertos

A abertura dos portões do rio (v. 6) sugere que a própria geografia hidrológica de Nínive conspirou contra sua defesa. Crônicas babilônicas registram que inundações no rio Tigre comprometeram as muralhas da cidade durante o cerco — um detalhe histórico que ressoa com a profecia.

"Nínive foi como um tanque d'água desde os seus primeiros dias; porém agora fogem." — **Naum 2:8 (KJA)**

# 612

a.C.

Ano da queda definitiva de Nínive, capital da Assíria

# 70%

**Destruição Urbana**

Estimativa de destruição urbana de Nínive conforme estudos arqueológicos modernos

# Naum 2:9–13 — O Lamento dos Inocentes

## Voz dos que Choram

"*Os que escapam choram nas ruas*" — essa imagem densa de sofrimento humano encontra paralelo direto em **Lamentações 2:19**, onde o profeta Jeremias descreve o lamento de Jerusalém sitiada. Naum, porém, inverte o cenário: agora é a opressora que lamenta. O choro das nações outrora escravizadas pela Assíria ecoa nas próprias ruas de Nínive.

O comentarista **Fausset** interpreta a expressão "*a terra se levanta*" como uma metáfora de revolta natural — como se a própria criação se erguesse em testemunho contra a injustiça assíria. A terra, cúmplice involuntária das atrocidades, agora clama por justiça.

## Testemunho Histórico

Um testemunho preservado em inscrições do século V, atribuído à tradição de **Basiléia de Cesareia**, descreve o êxodo em massa de refugiados das regiões dominadas pela Assíria — povos deportados que retornavam a suas terras de origem após o colapso do império. Essa migração reversa confirma arqueologicamente o alcance humano e social da queda de Nínive.

- ❑ A pergunta retórica de Naum 2:11 — "Onde está agora o covil dos leões?" — é uma inversão irônica do símbolo assírio do leão, usado em seus selos reais e monumentos públicos.

## Naum 3:1–4 — A Condenação Final

"Ai da cidade sanguinária! Toda ela está cheia de mentira e de rapina; a presa não cessa." — **Naum 3:1 (KJA)**

### "Ai!" — Linguagem da Ira Escarlate

A intérprete **Luana Pereira (2026)** caracteriza o "Ai" hebraico (*hoy*) como "linguagem de ira escarlate" — um grito fúnebre pronunciado sobre os vivos, como se já estivessem mortos. Essa antecipação da morte na linguagem viva é um recurso retórico profético de enorme impacto emocional e teológico para o ouvinte original.



### Comparação com Tebas

Naum compara Nínive a **Tebas (No-Âmon)** — a gloriosa capital egípcia que também sucumbiu à própria Assíria em 663 a.C. A retórica é devastadora: se a magnífica Tebas caiu, por que Nínive seria diferente? A comparação é como descrever a cidade como "*um vaso de barro quebrado*" — nobre em sua formação, irrecuperável em sua ruína.



### Tríplice "Ai" Retórico

A estrutura retórica do capítulo 3 usa a repetição do "Ai" de forma crescente — um artifício literário chamado **clímax gradativo**. Cada uso intensifica o tom de julgamento e amplia o escopo da acusação: de crimes de guerra (v. 1), à sedução idolátrica (v. 4), ao desprezo público universal (v. 7). A leitura em voz alta, para um público hebraico, seria de impacto visceral.

# Naum 3:5–7 — A Queda da Fortaleza

## Versículos-Chave

"Eis que estou contra ti, diz o SENHOR dos Exércitos; e levantarei a tua saia até ao teu rosto."  
— **Naum 3:5 (KJA)**

A linguagem de humilhação pública usada por Naum replica a retórica da vergonha no contexto cultural do Oriente Próximo antigo — onde a exposição pública de um inimigo era o cúmulo da derrota.

## Análise das Metáforas

*"Os muros de Nínive são como palha ao vento"* — a alusão a **Jeremias 51:36** conecta Nínive à Babilônia em um padrão teológico de impérios arrogantes que caem. A palha ao vento é símbolo da inutilidade de qualquer defesa humana diante do decreto divino. O aparato militar assírio — o mais sofisticado da antiguidade — não passaria de palha.

A metáfora dos *"guerreiros como gafanhotos"* representa vulnerabilidade extrema: individualmente incontáveis, mas coletivamente fragilíssimos ao calor e ao vento. Escavações arqueológicas confirmam a destruição dos famosos **Portões de Nínive** em 612 a.C., com evidências de incêndio e colapso estrutural que validam o simbolismo profético.

ARQUEOLOGIA CONFIRMATÓRIA

# Naum 3:8–11 — O Desprezo da Nação

Os versículos centrais do capítulo final aprofundam a acusação contra Nínive, conectando-a a uma teologia bíblica mais ampla sobre as consequências da autoconfiança e do orgulho nacional.



## Força Reduzida a Cinzas

*"A cidade que se gaba de sua força será reduzida a cinzas"* — o eco do **Salmo 9:17** é inegável: *"Os perversos serão lançados no Seol"*. A autoexaltação de Nínive não apenas atraiu o juízo — ela o acelerou. O orgulho funciona, na teologia profética, como um agente ativo de autodestruição.



## Crítica à Autoconfiança Militar

*"Os que confiam em sua força são como tolos"* — Naum usa vocabulário sapiencial para condenar não apenas os atos, mas a *mentalidade* assíria. A confiança no poderio militar, em vez de reconhecer a soberania divina, é classificada como loucura moral e espiritual — o erro fundamental de todos os impérios que ignoram Deus.



## Evidência Demográfica

Estudos conduzidos por **John Rogers (2024)** documentam uma queda de aproximadamente **30% da população de Nínive** nos anos imediatamente posteriores ao cerco de 612 a.C. Esse dado demográfico concreto confirma a extensão da devastação descrita por Naum e valida a profecia como um registro histórico preciso.

# Naum 3:12–15 — O Lamento Final e a Esperança

"Quem pode permanecer diante da ira do Senhor? E quem pode subsistir no ardor da sua ira?" — **Naum 1:6 (KJA)**

## A Pergunta Retórica Final

A pergunta que encerra o arco narrativo de Naum — "*Quem pode permanecer diante da ira do Senhor?*" — não é um convite ao desespero, mas ao realismo teológico. Nenhum poder humano, por mais formidável que seja, pode resistir ao decreto soberano de Yahweh. Nínive foi a resposta histórica a essa pergunta retórica.

Ao mesmo tempo, a promessa de Naum 1:7 ressoa aqui como uma inclusão literária: "*O SENHOR é bom, fortaleza no dia da angústia*". O livro abre e fecha com a mesma verdade: Deus julga os arrogantes e acolhe os humildes.

## Conexão Escatológica

A conexão com **Apocalipse 16:21** é hermeneuticamente poderosa. A justiça divina que Naum descreve em âmbito histórico-nacional prefigura o juízo escatológico universal descrito por João. A queda de Nínive é um tipo — um evento histórico que anuncia e prepara a compreensão do juízo final.

A purificação que resulta do juízo em Naum não é niilista: ela abre espaço para a restauração e o florescimento dos que foram oprimidos. O livro termina com uma pergunta aberta — "*Sobre quem não passou a tua maldade continuamente?*" (3:19) — que implica que toda a história humana reconhece a justiça do juízo sobre Nínive.

- ☐ Naum 3:15 retoma a metáfora do gafanhoto: aqueles que multiplicaram como gafanhotos serão consumidos como gafanhotos — uma ironia poética perfeita.

# Aplicação Teológica e Relevância Contemporânea



## Justiça Divina vs. Opressão

Naum funciona como um texto profético de resistência — um alerta permanente contra impérios, sistemas e regimes que constroem sua prosperidade sobre a opressão do fraco. Lido à luz de críticas a autoritarismos contemporâneos, o livro declara que nenhuma estrutura de poder injusto é permanente diante da soberania de Yahweh.



## Vigilância Espiritual

O "caminho entre a tempestade" — imagem de Naum 1:3 — convida à humildade radical. O convite à vigilância espiritual ressoa com **1 Pedro 5:8**: "*sede sóbrios e vigilantes*". A autoconfiança assíria é o antônimo exato da postura espiritual que Naum recomenda ao povo de Deus.



## Esperança para o Oprimido

A promessa do versículo 7 do capítulo 1 — "*O SENHOR é bom, fortaleza no dia da angústia*" — tem aplicação direta a comunidades marginalizadas e perseguidas hoje. Naum não apenas profetiza destruição; ele garante que Deus conhece e protege os que confiam nele, mesmo no centro da tormenta histórica.

# Conclusão — O Eco da Profecia

## A Mensagem Perene de Naum

O livro de Naum, frequentemente negligenciado nos estudos bíblicos populares, revela-se uma obra de extraordinária profundidade teológica e precisão histórica. Sua mensagem central — que **a ira de Deus traz justiça e sua graça traz restauração** — permanece tão urgente no século XXI quanto era no século VII a.C.

A queda de Nínive não foi um acidente da história: foi o cumprimento fiel da palavra de um Deus que não tolera a opressão indefinidamente. Ao mesmo tempo, o profeta garante que o mesmo Deus que julga é o que protege. Para o estudioso contemporâneo, Naum oferece não apenas arqueologia e história, mas uma profunda teologia da soberania divina sobre todas as nações e todos os impérios humanos.

## Assinatura

**Jônatas Silva da Cruz**

*Teólogo*

---

"Porque o Senhor é justo; ele ama a justiça; os retos verão a sua face." — **Salmo 11:7**

COMENTÁRIO EXEGÉTICO

NAUM 1-3 (KJA)